



## EDITORIAL

Esta edição dos CASA marca um momento de transição, previsto desde sua concepção. A Comissão editorial tem seu quadro renovado para os próximos números, sob coordenação da editora responsável Renata Coelho Marchezan, professora da FCLAr/UNESP. Além disso, passa a integrar a Comissão editorial a professora Tiekko Yamaguchi Miyazaki, do IBILCE/UNESP.

Este é, portanto, o último número publicado pela Comissão que fundou a revista em fevereiro de 2003, mas também é o primeiro cujo trabalho de editoração foi realizado por uma equipe especialmente constituída para esta finalidade por integrantes do grupo CASA, a quem devemos agradecer a dedicação e eficiência. Fazem parte da comissão de editoração Lucília Saad Mamar, responsável pela formatação dos artigos, e Jean Cristtus Portela, responsável pela atualização das páginas em HTML. O trabalho foi supervisionado pelos autores do presente editorial.

O número atual dos CASA traz cinco artigos inéditos, uma tradução e quatro poemas, além de um ensaio na seção ESTEIO DE BRAÚNA. Esta seção também inaugura uma nova fase.

Após publicar, nos três primeiros números, testemunhos em homenagem ao mentor do grupo CASA e responsável pela concepção dos Cadernos, o ESTEIO passa a publicar textos que apresentam e discutem formulações de fundamentos teóricos da semiótica greimasiana trazidas à luz em aulas e palestras desse que foi, reconhecidamente, um dos maiores semioticistas brasileiros, Ignacio Assis Silva. Para inaugurar essa nova fase, publicou-se o texto “O corpo, a paixão no pensamento de Ignacio A. Silva (I): Corpo e Paixão: a gênese do sujeito”, de Ana Cristina Fricke Matte e Vera Lucia Rodella Abriata. O texto discute a criação do sujeito semiótico no horizonte da semiótica das paixões e da corporalidade.

No estudo que empreende da canção de Chico Buarque intitulada “Hino de Duran”, Sylvio Frederico Dias Martins examina passo a passo a produção de significação, tendo por referência o modelo global do percurso gerativo, originalmente proposto por A. J. Greimas. Atento às preocupações didáticas dos Cadernos, o articulista vai perseguindo, nos diferentes estratos de tal modelo, a geração do sentido: depois de apresentar os níveis narrativo e discursivo da análise da letra, sugere uma descrição das suas estruturas profundas, interpretadas em termos tensivos. O artigo conclui-se por um breve comentário acerca do plano da expressão melódico dessa composição, explicitando seus vínculos com os significados construídos na avaliação do plano do conteúdo.

Os campos das semióticas plástica e musical são postos em contato no artigo seguinte, em que Antonio Vicente Pietroforte discorre sobre o álbum *New Directions*, gravado em 1978 por um quarteto de grandes jazzistas sob a batuta do baterista Jack DeJohnette. Em sua contribuição, Pietroforte ilustra uma análise transversal a reunir, com ajuda da categoria identidade/alteridade, tanto as peças musicais quanto a capa do disco, sendo esta decomposta em seus componentes verbal e fotográfico. A intersemioticidade se acha, assim, no cerne desse estudo, que explicita as relações de tipo semi-simbólico reconhecíveis nesse conjunto significativo formado pelas músicas e pelas imagens da capa.

Entre as manifestações musicais que preparam o terreno para aquilo que virá a ser mais tarde a canção de grande consumo no Brasil, encontra-se a modinha, cultivada desde fins

do período colonial, e cada vez com maior frequência, à proporção que avançava o século XIX. É dessa época a peça escolhida para o estudo de Dietrich, Discini e Lopes. Sob a aparência de uma grande simplicidade, na letra como na música, a modinha “Hei de amar-te até morrer!” – sic, com ponto de exclamação e tudo – encobre procedimentos sutis na construção de uma imagem de locutor fatalista e plangente, bem ao gosto de tantas outras composições do gênero. Os autores dão um realce particular, em seu ensaio, à convergência dos procedimentos de construção em ambos os componentes, lingüístico e melódico, responsáveis por um efeito de grande coerência na maneira peculiar de proceder desse eu-lírico efusivo e descomedido.

Em “O lugar de uma teoria do discurso na psicanálise”, Waldir Bevidas retoma a discussão sobre a famosa hipótese de Lacan, segundo a qual o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Na contracorrente das interpretações irracionistas da obra lacaniana, o articulista defende a tese de que tal ponto de vista – valorizando o registro Simbólico na constituição do sujeito – revela simultaneamente uma sensibilidade do psicanalista francês à episteme de sua época, por um lado, e por outro um “gesto semiótico” que situa as questões atinentes à linguagem no âmbito do discurso, para além da lingüística estritamente frasal. A conclusão a ser tirada, segundo Bevidas, é que compete às teorias da significação em discurso, entre as quais a semiótica, desempenhar hoje o papel que, décadas atrás, a lingüística preenchia nesse diálogo interdisciplinar com as doutrinas ligadas ao inconsciente.

“Duas leituras da paixão” são propostas por Arnaldo Cortina, ao cotejar um conto de Machado de Assis, “A desejada das gentes”, e uma crônica de Vargas Llosa, “A ereção permanente”, que o diário espanhol El País deu a lume pela primeira vez em 1999. Desse confronto entre um texto literário do final do século XIX e um texto jornalístico surgido cerca de cem anos depois, depreendem-se características a cada vez muito distintas da paixão, encarada num caso (o do conto) como componente da narratividade e, no outro, como componente retórico da organização discursiva da crônica em pauta. Delineiam-se, dessa forma, visões fortemente contrastantes quanto ao imaginário da cultura brasileira.

A seção TRADUÇÃO estampa, neste número, um breve estudo de autoria de Denis Bertrand, sob o título “A Noite Desfigurada”, vertido do francês por Dilson Ferreira da Cruz Júnior. Nesse exercício de análise prática, o pesquisador parisiense volta a ler um conto de Maupassant, “A Noite”, já previamente comentado por semioticistas como S. Alexandrescu e J. Geninasca. Aproximando o olhar para estabelecer um levantamento minucioso da semântica discursiva desse texto, Bertrand deslinda um movimento inicial de edificação de toda uma rede figurativa que o desenrolar do conto irá encarregar-se de desfigurativizar, ao mesmo tempo que se vão modificando os estados de ânimo do protagonista. O ensaio nos traz, assim, elementos para pensar o problema das relações entre o sujeito da narrativa e as figuras que vão investindo ou desvestindo, ao longo de todo o texto, o seu itinerário.

Com quatro poemas de dicção muito própria, Alexandre Faria, na seção SARAU, convida-nos, por fim, ao fruir e ao pensar. O leitor tem aí um encontro marcado, marcado como as faces brancas de um dado o são pelos seus buraquinhos negros, onde – dizem – a energia se concentra. Bibelôs, para alguns? Acaso até isso, mas não para serem abolidos: para serem libados.

Seja bem-vindo, leitor internauta. Enter: a CASA é sua.

**Ana Cristina Fricke Matte e Ivã Carlos Lopes**  
**Editores Responsáveis**